

Rio de Janeiro, política e futebol: as ligas suburbanas e o liberalismo excludente na Primeira República (1889-1930)

Rio de Janeiro, politics and football: the suburban leagues and exclusionary liberalism in the First Republic (1889-1930)

Glauco José Costa Souza

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil

Doutor em História, UFF

glauco.josecosta@hotmail.com

Gustavo Adolfo Suckow Barbosa

Universidade Federal de Rondônia, Rondônia/RO, Brasil

Mestre em Filosofia, UNIR

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar relações envolvendo liberalismo excludente na Primeira República e as ligas suburbanas de Futebol, com destaque para as aproximações entre os sujeitos e instituições em um período em que predominou na Capital Federal a ideia de restrição ao exercício da cidadania plena. Neste sentido, a partir de informações tiradas de periódicos da época, buscamos apresentar e refletir acerca de movimentos que mostram que tipos de relações existiam entre representantes da política oficial e algumas das principais competições esportivas dos subúrbios cariocas e seus clubes.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Política; Rio de Janeiro; Liga Suburbana; Políticos.

ABSTRACT: This paper aims to analyze some relationships involving exclusionary liberalism in the First Republic and the suburban football leagues, highlighting the rapprochements between the subjects and institutions in a period in which the idea of restricting the exercise of full citizenship predominated in the Federal Capital. In this sense, based on information taken from periodicals of the time, we seek to present and reflect on some movements that show what types of relationships existed between representatives of official politics and some of the main sports competitions in the suburbs of Rio de Janeiro and their clubs.

KEYWORDS: Football; Politics; Rio de Janeiro; Suburban League; Politicians.

INTRODUÇÃO

O surgimento do futebol no Rio de Janeiro é uma das marcas da transição do século XIX para o XX na então Capital Federal da Primeira República. Nos debruçaremos com mais ênfase sobre a sua interiorização entre alguns bairros suburbanos da Cidade Maravilhosa e a respeito de relações causadoras e consequentes deste processo, com destaque especial a dos agentes políticos com clubes e ligas dos subúrbios cariocas. Para tanto, nossa principal base de informações será a partir de periódicos da época, dentro dos quais se destacam jornais de grande circulação e da imprensa suburbana, entendidos aqui não apenas como entes disseminadores, mas também produtores de realidades materiais e simbólicas. Assim, esperamos contribuir para os avanços nas pesquisas esportivas pela academia em espaços regionais outrora ignorados.

A primeira metade dos oitocentos, mas com muito mais força a segunda parte desta centúria, marcam o nascimento e o desenvolvimento dos esportes modernos no Rio de Janeiro, cujas práticas de maior destaque destes períodos estiveram relacionadas à dominação humana sobre os animais, como as touradas e o turfe. Este, aliás, assumiu proporções em grande escala na Capital do Império, podendo, inclusive, ser entendido como o primeiro exemplo de uma febre esportiva no Brasil.¹ Sob esta perspectiva, temos que o século XX se inicia já preparado para acompanhar não só o surgimento de muitas outras atividades esportivas (vôlei, basquete, ciclismo, handball e, principalmente, futebol) como também o enraizamento de muitas delas na sociedade brasileira, ao ponto de os atos e fatos esportivos não ficarem restritos ao seu campo, mas também estabelecerem relações com aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos.

Dentre os esportes que ascenderam a partir do século XX no Brasil, o futebol é sem dúvidas um dos que mais conquistou adeptos desde os primeiros anos que começou a ser praticado. No Rio de Janeiro, seu início está atrelado à figura de Oscar Cox, que, após anos estudando na Suíça, retornou ao seu país natal em 1897 trazendo

¹ Victor Melo, na obra *Cidadesportiva*, traz grandes contribuições acerca do Turfe praticado no Rio de Janeiro durante o século XIX, inclusive destacando seu papel com antecessor do Remo. Nicolau Sevcenko, por sua vez, ao refletir sobre o impacto dos esportes no Rio de Janeiro cunha a expressão “febre esportiva” para sintetizar o sucesso entre os cariocas e as cariocas.

consigo uma bola de futebol e o livro de regras criado na Inglaterra para unificar a sua prática.² Quatro anos depois, na sede do Rio Cricket Club, em Niterói:

Oscar Cox, junto de seu companheiro de bola Victor Etchegaray, organizaram, no dia 1 de agosto de 1901, o que será considerado o jogo inaugural do futebol no Rio de Janeiro. Após jogarem dois tempos de vinte minutos com quinze de intervalo, empataram em 1 x 1. No time de Cox, atuaram jovens estudantes como Clito Portela, Victor Etchegaray, Walter Shuback, Mario Frias, Max Naegali, Horácio da Costa e Santos, Luís Nóbrega, Júlio de Moraes e Felix Frias (Coelho Netto, 2002:4). O Rio Cricket foi formado com jogadores ingleses radicados no Brasil, em sua maioria funcionários do consulado, de bancos e de empresas de navegação marítima (idem, 1969a:76).

O jogo não chamou grandes atenção, contando apenas com quinze assistentes formados basicamente por familiares dos jogadores, amigos e tenistas que, por acaso, estavam no clube naquele momento. Apesar do pouco interesse, o jogo recebeu um destaque no Jornal Correio da Manhã (Pereira, 2000:25). Após esse jogo, mais dois matches foram realizados, dessa vez na cidade do Rio de Janeiro, e o resultado não foi diferente: dois empates. Os jogos em terras cariocas foram realizados no campo do Payssandu.³

A imprensa, segundo Fernandez e Pereira,⁴ foi, portanto, uma das grandes incentivadoras e responsáveis pela difusão do futebol no Rio de Janeiro e um importante órgão para registrar o seu crescimento. Tanto é assim que, se em 1897 temos a sua chegada na Capital Republicana, e em 1901 a ocorrência da primeira partida, em 1902 já encontramos notícias de sua prática pelas ruas da cidade: “Queixam-se os moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, à tarde e pela manhã, cheia de afficionados do jogo denominado football e o jogam de modo que chegam a quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel dos Estrangeiros”.⁵ A reclamação demonstra ser uma situação frequente nas ruas cariocas a prática daquela atividade lúdica. O jogo com bola estava sendo inserido no gosto popular e era praticado fora dos clubes esportivos que existiam até então, pois era simples: necessitava de uma bola, que podia ser improvisada com um objeto redondo, assim como os demais instrumentos usados para a prática do esporte, dentre os quais se destacam os calçados e as balizas. Foi em 1902 também que ocorreu a fundação do

² FERNANDEZ. *Fluminense Foot-ball Club: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*, 2010.

³ FERNANDEZ. 2010, p. 16.

⁴ PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938*, 2000.

⁵ JORNAL DO BRASIL, em 04 set. 1902.

primeiro clube voltado para a prática do futebol: The Rio Foot-Ball Club.⁶ Poucos dias depois, mais precisamente em 21 de julho de 1902, foi fundado por Oscar Cox o Fluminense Football Club, que logo se tornou o principal time da Capital Federal.

Dessa forma temos já nos primeiros chutes o futebol como objeto de disputa entre os agentes sociais envolvidos associado a outros elementos que influenciam e são influenciados pelos espaços urbanos, como as decisões políticas. No mesmo ano de 1902, por exemplo, em que assistimos a criação de clubes especificamente voltados à prática futebolística e a sua expansão para as ruas cariocas, também tivemos o início das Reformas Urbanas na cidade capitaneadas pelo prefeito Francisco de Pereira Passos, cujas consequências “atingiram frontalmente as condições de vida da grande massa popular não só a que residia e trabalhava no centro em suas imediações, como a que habitava os subúrbios e zonas rurais da cidade”.⁷ Longe de almejar entrar nos detalhes que permearam este processo nos 4 anos em que o engenheiro esteve à frente da administração municipal, queremos destacar que uma das consequências mais relevantes da sua administração para a nossa análise foi a expansão das regiões suburbanas a partir da migração dos antigos moradores do centro em reforma, especialmente os menos favorecidos financeiramente, transformando radicalmente estes espaços.

O pequeno aglomerado urbano que, segundo Lysia Bernardes e Therezinha Soares se assemelhava mais a um ajuntamento colonial na primeira metade do século XIX, passou por grandes transformações a partir da segunda metade daquela centúria. De acordo com Bernardo e Soares:

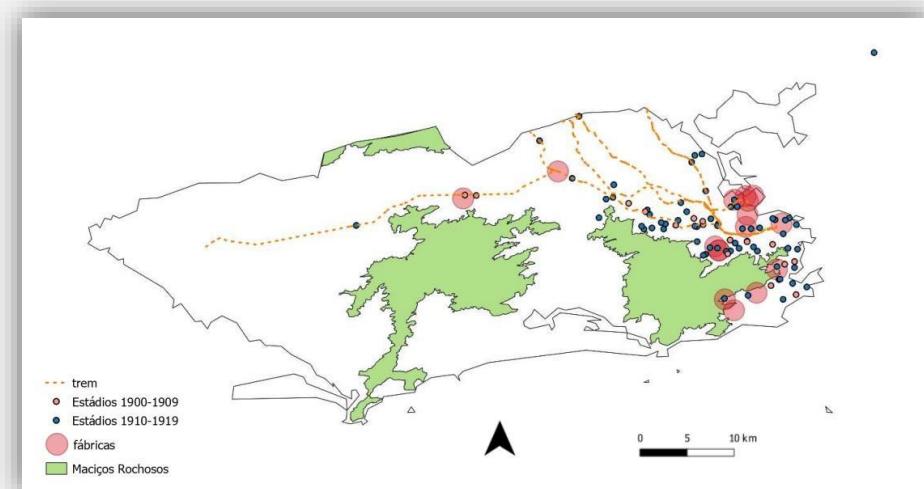
Surgiram rapidamente, a partir dessa época, números bairros, o que foi facilitado pela melhoria nos meios de transporte coletivo decorrente da introdução dos bondes. Subúrbios, arrabaldes ou simples povoações existentes nos arredores da cidade transformaram-se em poucas décadas em bairros populosos. Por outro lado, a construção das primeiras ferrovias deu origem ao desenvolvimento de núcleos suburbanos ao redor das estações, núcleos esses que, progressivamente, se iriam soldando para construir os bairros-subúrbios e a extensa zona suburbana atual.⁸

⁶ JORNAL DO BRASIL, em 04 set. 1902.

⁷ BERNARDES; SOARES. *Rio de Janeiro: cidade e região*, 1990, p. 277.

⁸ BERNARDES; SOARES. *Rio de Janeiro: cidade e região*, p. 81.

O impacto disso, para a nossa análise, vai além da expansão dos subúrbios e da sua ocupação por novos moradores a partir da primeira década do século XX. Como destaca Lucas Mattos, em sua dissertação sobre futebol e urbanização, pela UFF, o futebol também se espalhou pela Capital Federal a partir desta mudança na política urbana, como podemos identificar no mapa abaixo:



Até 1909, vemos que a grande concentração dos estádios esportivos estão lado leste do mapa, perto ao litoral (Zona Sul e Zona Central da cidade), mas ao longo da década seguinte os pontos azuis se distanciam do canto direito em direção ao lado oposto no sentido dos subúrbios recém ocupados – direção oeste (Zona Oeste e Zona Norte da cidade). Nestes espaços vários bairros foram criados e/ou ocupados. Importante também ressaltar que o surgimento de um bairro está ligado ao sentimento de identidade das pessoas que habitam um determinado espaço geográfico e, de acordo com Bernardes e Soares:

A noção de bairro é uma noção de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade. Apesar de a administração municipal se aproveitar muitas vezes dessa noção para com ele rotular as circunscrições administrativas em que a cidade está dividida, não há, na maioria dos casos, coincidência entre a noção popular do bairro e as pequenas unidades administrativas ou fiscais. [...]

A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. Esse reconhecimento global, que cada um tem de residir em determinado bairro, é fruto da

coexistência de uma série de elementos, que lhe dão originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam.⁹

Dentre os aspectos identitários em torno dos bairros suburbanos, temos a apropriação e ressignificação que o futebol sofreu como um dos exemplos a serem destacados por meio das ligas suburbanas de futebol.

AGENTES SOCIAIS, CLUBES SUBURBANOS E POLÍTICA

A Liga Suburbana de Futebol, a primeira competição de grande porte que temos registros de ter acontecido nos subúrbios cariocas foi uma consequência do desenvolvimento deste esporte na região. Seu início foi em 1907 e congregou para a sua edição inaugural “sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos [novo nome da Liga Metropolitana de Futebol]”.¹⁰ Essas, importante destacar, não eram exceção no universo futebolístico do Rio de Janeiro, pois havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quais bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra”.¹¹

A iniciativa da Liga Suburbana deveu-se ao Riachuelo Football Club. O clube foi criado em 19 de outubro de 1905, na Rua Diamantina, no bairro do Riachuelo (local em que residia Carlos) e logo em seu segundo ano de existência (1906) fez parte da Liga Metropolitana de Futebol (que hoje chamamos de Campeonato Carioca), mas jogando a 2ª divisão. Vencedor daquela edição, se credenciou para disputar a partida de acesso contra o último colocado da seção principal, o Football and Athletic Club, mas foi derrotado por 5 a 2 e, pelo regulamento da época, deveria seguir na divisão de acesso pela temporada seguinte (1907). Sem o desejo de permanecer naquelas condições para a disputa, o clube foi um dos líderes da iniciativa de organizar a Liga Suburbana de Futebol, isto é, uma nova competição na qual faria parte do grupo principal, como forma de demonstrar sua força no Rio de Janeiro, a qual estava associada ao bairro do qual fazia parte e cujo nome era o mesmo da agremiação.

⁹ BERNARDES; SOARES. *Rio de Janeiro: cidade e região*, p. 105-6.

¹⁰ O PAIZ, 21 mar. 1907, p. 4.

¹¹ O PAIZ, 15 mar. 1907, p. 3.

O Riachuelo Football Club foi fundado por membros da família Joppert e contava em seus quadros com indivíduos do que podemos chamar da elite, já que, de acordo com o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*,¹² os irmãos Armando, Carlos e Gustavo atuavam, respectivamente, como dentista e corretores mercantis no início do século XX, profissões, aliás, bem distintas às de estafetas e *chauffers* que também praticavam o futebol nos subúrbios cariocas. A boa relação da família com o poder público, por exemplo, lhes garantia que apesar de o bairro em que viviam possuir problemas (falta de calçamento em ruas recém-criadas, falta de saneamento e falta de policiamento) a Rua Diamantina, na qual foi fundado o clube, era apontada como um logradouro dos mais salubres do bairro, ainda que desprovida de calçamento. Segundo a *Revista da Semana*, um dos destaques do bairro se deve justamente à ação dos Joppert:

Tem um centro sportivo, onde o “foot-ball” é entusiasticamente cultivado e em cujo “ground” se reúnem na estação respectiva as principaes famílias da localidade, que vão levar os seus aplausos á mocidade que se exercita e que lhe proporciona horas de inteira satisfaçāo nos arriscados lances do vulgarizado e estimado “sport”.¹³

O centro esportivo ao qual a matéria se refere é o campo do Riachuelo F.C. que, àquela época (1909), não fazia mais parte da Liga Suburbana de Futebol, mas ainda desenvolvia de forma ativa suas atividades junto aos seus sócios. Assim como ele, muitos clubes não faziam parte da competição e nem por isso tinha restringido o seu desenvolvimento esportivo.

Buscando se fortalecer e ser reconhecida na Capital Federal, a Liga Suburbana procurou contar com o apoio do poder público da época, já que os clubes considerados de elite do Rio de Janeiro conseguiram alcançar tal objetivo. Segundo a *Gazeta Suburbana*:

O Dr. Paulo de Frontin foi convidado para assistir ao festival da *Gazeta Suburbana*

Estiveram hontem na Prefeitura, os Srs. Cesarino Cesar e coronel Nestor Antenor de Paula Arêas, que foram convidar o illutre prefeito, Dr. Paulo de Frontin, para assistir ao grande festival sportivo que a *Gazeta*

¹² ALMANAK LAEMMERT: Admnistrativo, Mercantil e Industrial, 1907, p. 457.

¹³ REVISTA DA SEMANA, 21 mar. 1909, p. 6.

Suburbana realiza no dia 14 do corrente, no campo do antigo Royal F.C., á rua Dias da Cruz, na estação Meyer.

Estando enfermo o preclaro administrador municipal, o convite ficou entregue ao ilustre secretario de S. Ex. e Dr. Henrique de Toledo Dodsworth Filho.

Sendo o Dr. Frontin o patrono da prova principal do grande festival, entre os teams do exercito e da marinha, ofereceu aos quadros vencedor uma rica taça de prata.¹⁴

Os festivais esportivos, de forma geral, podem ser considerados como uma forma importante de valorização dos esportes antes e depois da criação de competições organizadas. Mais do que uma espécie de grande reunião de amantes dos esportes, eles eram eventos sociais e, como tais, importantes para os membros da sociedade em que aconteciam, sejam aqueles influentes do ponto de vista social, ou mesmo aqueles que apenas desejassesem se fazer presentes e acompanhar o acontecia ali. Nas regiões suburbanas, eles aconteceram bastante e eram organizados pelos clubes e entidades daquelas localidades, como o periódico *Gazeta Suburbana*, que realizava frequentemente um festival com o seu nome.

É importante percebermos, com base na análise da fonte acima, que tais acontecimentos também podem e devem ser considerados como um grande espaço de sociabilidade, isto é, uma oportunidade de membros da elite suburbana reforçarem sua imagem e relevância social nos locais em que frequentavam. Para tanto, uma forma de demonstrar prestígio perante os demais membros era a proximidade com as autoridades públicas, como, no caso acima, a figura do prefeito do Rio de Janeiro Paulo de Frontin, o qual, embora fosse indicado para o cargo pelo Presidente da República, precisava contar com a simpatia dos seus governados e a presença em eventos esportivos era, desde os tempos do Imperador, uma forma de alcançar isso.

De acordo com Souza:

Para a elite política republicana, a presença em eventos esportivos garantia visibilidade entre os espectadores das arquibancadas e os leitores de colunas esportivas, que noticiavam a presença de homens públicos nas tribunas. Ademais, estes mandatários colavam sua imagem a valores então associados à prática esportiva, como modernidade, civilidade, higiene e civismo. Os políticos locais, por sua vez, retribuíam

¹⁴ GAZETA SUBURBANA, 11 dez. 1919, p. 12.

as gentilezas dos clubes e ligas patrocinando seus eventos e arcando com os custos das taças e dos troféus disputados nessas ocasiões.¹⁵

Para os políticos, a presença nos eventos esportivos visava demonstrar seu prestígio, como aponta o autor, como a doação de taças com os seus nomes. Tal cenário, importante destacar, também se fez presente nas atividades suburbanas, como aponta o *Gazeta Suburbana*, em relação ao prefeito Paulo de Frontin, que, inclusive, não foi o único, já que outros chefes do Poder Executivo Municipal também fizeram o mesmo, como o prefeito Carlos Sampaio, de acordo com *O Paiz*:

UMA OFFERTA DO PREFEITO Á LIGA SUBURBANA – O Dr. Carlos Sampaio, prefeito do Distrito Federal e membro honorário da Liga Suburbana, oferece uma valiosa taça, para ser disputada pelos dois clubs da Serie A da Liga Metropolitana, que tomarão parte no festival da sub-liga.¹⁶

Souza destaca que esta postura, tal qual teve o prefeito Carlos Sampaio, era comum e possuía um padrão:

Em todos os casos, o rito era o mesmo: o comprador da taça dava nome ao prêmio; tinha a benfeitoria noticiada pelos jornais, que não poupavam elogios ao patrocinador; a taça ficava exposta durante dias, às vezes semanas, em uma importante casa comercial, com o nome do seu comprador estampado na vitrine; e, por fim, no dia da competição, o patrono do troféu era convidado a entregá-lo ao vencedor da contenda, ocupando assim o foco central das atenções no ponto máximo do evento esportivo. A taça ou estatueta era então levada à sede social do clube vencedor e permanecia exposta durante todo ano em sua sala de recepção. Monumentalizada pelo rito, a taça se convertia em lugar de memória, perpetuando a lembrança de sua disputa, de seu vencedor e de seu patrocinador – não raro, como vimos, um político local.¹⁷

A existência de um padrão para as relações entre agentes políticos e entidades esportivas demonstra que este cenário não era fortuito, mas fazia parte das relações de poder estabelecidas naquele período, dentre as quais estava a utilização dos esportes como forma de valorização perante uma determinada comunidade. No Riachuelo, por exemplo, a família Joppert era bastante influente devido ao seu poder econômico e social, o que se refletia, na prática, na

¹⁵ SOUZA. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política na Curitiba da Primeira República, 2016, p. 127.

¹⁶ O PAIZ, 09 set. 1921, p. 6.

¹⁷ SOUZA. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política [...], p. 129.

administração do Riachuelo F. C., na construção de uma praça esportiva e na eleição de um dos seus membros para o cargo de deputado. Tal aproximação, como destaca Souza, ia além dos desejos mais imediatos de visibilidade e positivação da imagem, fazendo parte, portanto, de “uma ampla rede de relações de camaradagem e mesmo laços familiares ligava a classe política aos dirigentes esportivos”.¹⁸

LIGAS SUBURBANAS, SEGURANÇA E AGENTES POLÍTICOS

Os subúrbios cariocas eram regiões de grande complexidade social e isso se refletiu no desenvolvimento de suas práticas esportivas. A organização do futebol, por exemplo, ao longo da Primeira República foi permeada por aproximações e distanciamentos em relação ao Poder Público, como, por exemplo, os órgãos de segurança e os agentes políticos.

A Liga Suburbana, em 1919, se via envolta em debates sobre a violência registrada em seus jogos dentro e fora de campo, ainda que houvesse discursos disciplinadores referentes à conduta dos *sportsmen* por parte da *Gazeta Suburbana*. O periódico, que cobria as principais notícias a respeito dos subúrbios do Rio de Janeiro e das atividades esportivas que por ali aconteciam, considerava-se um dos principais responsáveis pela competição e naquele momento se via atordoado com alguns episódios que ocorriam nos jogos e fora dos jogos suburbanos. No duelo entre Bonsucesso x Engenho de Dentro, uma atitude do jogador Martins foi duramente criticada por não se enquadrar no padrão de bom comportamento almejado pelas atividades esportivas, como defendia o redator Cesarino Cezar, vítima da postura do jogador da equipe suburbana:

[...] o player Martins ao terminar o jogo, aproximou-se de uma compacta massa de senhoritas e senhoras e em voz alta e clara exclama:
Como é que a Liga Suburbana vai progredir?!

Pois se quem ali manda e dá as cartas é o bêbado chronista Cesarino Cezar.

Ora, tal procedimento é digno do seu autor:

Que me julguem a vasta roda desportiva e a imprensa do Rio onde há dezoito anos milito.

Provavelmente esse player que me não conhece, confundiu-me com algum habitual companheiro seu ou então perdeu de todo o uso da razão!

¹⁸ SOUZA. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política [...], p. 129.

Qual a causa que determinou o player a proceder, eu ignoro! E, como não fui atingido pelo vil insulto, aconselho ao mentiroso e grosseiro player que se envolva com os comparsas da sua camarilha e não venha procurar com os salpicos da sua peçonhenta baba manchar reputações inatacáveis.¹⁹

Cezarino Cezar foi um jornalista gaúcho que por mais de duas décadas atuou na cobertura dos Subúrbios do Rio de Janeiro e antes de ingressar na carreira jornalística atuou como auxiliar de escrita na Imprensa Nacional. Com passagens pela Revista do Commercio, chegou ao *Gazeta Suburbana* em 1919 e logo se tornou o representante deste veículo de comunicação para os assuntos esportivos, representando-a perante a Associação de Cronistas Desportivos e junto autoridades políticas, como o prefeito do Rio de Janeiro Paulo de Frontin. Casado com professora municipal Nadina Agrella, fez sua vida nos arrabaldes cariocas e era considerado alguém “que em matéria de sport tem amplos e acentuados conhecimentos”.²⁰

Ao interpretar à luz das fontes e pressupostos metodológicos, podemos perceber que a reação, a agressão verbal de Martins foi condenada há um século, todavia o papel do historiador não é julgar os fatos pretéritos, mas interpretá-los à luz das fontes e metodologias disponíveis. Neste sentido, podemos perceber que a reação de Cezarino Cezar, para além da indignação pessoal por ter sido ele vítima de uma violência, demonstra o descontentamento com um comportamento diferente do esperado naquela atividade esportiva. A fim de evitar atos de violência e outras condutas que se chocasse com os ideais de bom comportamento atribuídos aos sportsmens, os organizadores das competições e dos clubes estabeleciam critérios para participação, como fatores financeiros, atividade profissional e até local da prática esportiva, isto é, uma forma proposital destes agentes de estabelecerem critérios para se distinguirem de outros grupos.

Com a Associação Athletica Suburbana, uma das instituições que buscava organizar o futebol nos subúrbios cariocas, não era diferente, mas a rigidez demonstrada por ela não afastava a associação de clubes suburbanos na virada da década de 1910 para 1920. De acordo com o *Jornal do Commercio*,²¹ a partir do novo

¹⁹ GAZETA SUBURBANA, 02 ago. 1919, p. 7.

²⁰ GAZETA SUBURBANA, 12 jul. 1919, p. 3; GAZETA SUBURBANA, 10 maio 1919, p. 3.

²¹ JORNAL DO COMMERCIO, 28 fev. 1920, p. 6.

decênio, a entidade, como sinal de maior procura por parte dos clubes suburbanos, aumentou o valor cobrado como joia para 40\$000 como necessário para ingressar na entidade. Neste momento, sua sede deixou de ser em Cascadura para ficar na Rua Domingos Lopes, em Madureira, ao mesmo tempo que alguns clubes que antes estavam na Liga Suburbana passaram a pleitear um lugar junto a também conhecida como “Liga dos Subúrbios”. Um dos casos mais emblemáticos neste processo foi a aceitação como sócio do The Rio Football Club, que havia sido fundado em 12 de julho de 1902, no bairro de Botafogo, sendo o primeiro clube voltado para a prática do futebol de que temos registro na até então Capital Federal. Além da prática do futebol, o clube “era uma agremiação de nacionais e britânicos que tinha por pretensão se dedicar a outras modalidades, não somente ao ludopédio”,²² e participou por alguns anos da competição União Esportiva Fluminense, que envolvia algumas equipes da cidade de Niterói e Zona Sul do Rio de Janeiro. Em 1919, entretanto, o clube havia disputado a Liga Suburbana de Futebol, mas em 1920, segundo o periódico *A Razão*,²³ desejava se filiar à Associação Athletica Suburbana por não concordar com parte de seu estatuto. A troca, todavia, contou com protestos do então presidente da Liga Suburbana, Guilherme Paraense, junto à Athletica Suburbana, como o representante do Sport Club Irajá, que disputava esta competição.

Interessante notar a circulação social que possuía Paraense entre as entidades dos subúrbios cariocas, ao ponto de ele ser sócio de mais de uma delas, o que permite enxergá-lo como um dos *sportsmen* do Rio de Janeiro naquele período. Tenente do Exército, ele compunha socioeconomicamente uma classe intermediária no Rio de Janeiro do primeiro quartel do século XX. Contudo, na região, sua patente o destacava e o aproximava da aristocracia suburbana. Ao mesmo tempo, ele era um grande entusiasta dos esportes e já havia composto a diretoria do Cascadura F.C., antes de chegar à presidência da Liga Suburbana de Futebol, em 1919. Sua grande glória, no entanto, seria alcançada em 1920 quando conquistou o campeonato mundial de tiro de revólver. Ainda assim, sua voz foi a única contra o regresso do The Rio F.C. à Athletica Suburbana, o que não impediu que a movimentação fosse aprovada.

²² MELO. Evidência e especulação: “A origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902), 2017, p. 929.

²³ A RAZÃO, 13 abr. 1920, p. 7.

A década de 1920 marcou as ações da Associação Athletica Suburbana no sentido de manter o alto nível de sua competição e, de certa forma, de tentar impedir a desordem que assolava os gramados do Rio de Janeiro por meio da violência. Mario de Araujo, jogador do S.C. Irajá, por exemplo, teve a sua matrícula cassada após agredir com um pedaço de madeira o adversário José da Silva, que defendia o Fidalgos F.C, como publicou o *A Razão*.²⁴ Importante destacar que, de acordo com o noticiado pelo periódico, não eram apenas os indivíduos dentro do campo que causavam confusão, mas também aqueles fora das quatro linhas, como dirigentes dos clubes e até mesmo torcedores, como o sr. Manuel Antunes Baptista, cuja presença foi vedada em jogos organizados pela Associação Athletica Suburbana “por ser um elemento provocador de distúrbios e descréditos desta Associação”.²⁵ A arbitragem também era um alvo constante de violência, como o juiz da partida entre os 3º times de Yolanda e Comercial, em 1922, que foi agredido pelo jogador João Antonio Cruz, do Yolanda, mas que, de acordo com o art. 53 do Estatuto da Associação Athletica Suburbana, seria suspenso apenas por apenas 8 dias.

Este elemento pode ser percebido em outro episódio nos subúrbios cariocas, como quando o Olaria F.C. se organizou para realizar um festival em benefício dos guardas noturnos que atuavam na segurança da região. A presença da força policial no futebol carioca organizado é grande desde os seus primórdios e com o aumento do nível de tensão de algumas partidas e competições isso se tornou mais forte como, em 1917, ficou decidido que os agentes de segurança pública, a fim de conter as brigas que ocorriam nos duelos futebolísticos, adotariam algumas medidas novas. *O Imparcial* publicou que:

Deante das desordens e conflitos ultimamente verificados em nossos grounds de football, sabemos que a polícia vai tomar sérias providências, afim de punir com rigor os responsáveis por tão degradantes cenas.

Dentre as medidas que vai a polícia tomar, nesse sentido, salientam-se:

- a. Todas as partidas de football serão presididas por um suplente ou commissário de polícia;
- b. Guardas civis e praças de Brigada reforçarão o policiamento, fazendo cordão de isolamento para garantir jogadores e referees;
- c. As grades que circundam os fields terão uma cerca de altura a impedir que possa o campo ser invadido;

²⁴ A RAZÃO, 25 jun. 1920, p. 6.

²⁵ A RAZÃO, 25 jun. 1920, p. 6.

- d. As directorias dos clubs serão obrigadas a auxiliar eficazmente a polícia nesse serviço;
- e. No caso de ser ainda verificadas desordens, será aberto inquérito e punidos os promotores ou cassada a licença do club local, se fica provada a culpabilidade.²⁶

A garantia da ordem foi uma preocupação constante ao longo de toda a Primeira República Brasileira e o futebol não ficou alheio a isso. A desorganização nos jogos da Associação Athletica Suburbana ganhou espaços cada vez maiores na imprensa. Na reta final do campeonato de 1927, por exemplo, as brigas dentro de campo e a alteração de resultados geravam dúvidas sobre a lisura da entidade, como apontou *A Rua*:

O encontro 3 de Maio x Commercial foi interrompido pela invasão de campo por assistentes que ainda raptaram o juiz e o representante!!...
O encontro do campeonato da série B, entre o 3 de Maio e o Commercial, teve um desfecho sensacional.

Segundo nos informaram o jogo transcorria regularmente e ao faltarem 10 minutos para o final, os assistentes não se conformando com uma decisão do juiz da partida, invadiram o campo, provocando um serio incidente e. na forma do costume... o “pao comeu” de verdade...

Feita a digestão e, assim acalmados os ânimos, os dois quadros mantinham-se em campo, promptos a recomeçarem o jogo, mas as “torcidas” não consentiram e, parodiando os paulistas, sentaram e deitaram em campo.

A vista disso, o juiz deixou de continuar o jogo e, em companhia do representante, dirigiu-se para a sede do club local para preencher os requisitos do boletim.

Novamente as torcidas entraram com o seu jogo e após driblarem o juiz e o representante os levaram de roldão em meio delles, deixando os diretores do 3 de Maio em apuros.

Quando o jogo foi suspenso o 3 de maio estava vencendo por 3 goals a 2.

Nos segundos teams o 3 de Maio venceu ainda por 2 a 0.

Entretanto, não estranharemos se hoje, o boletim do jogo der entrada na Associação com outro resultado.

Hoje tudo é possível no infeliz sport suburbano.²⁷

O aumento no registro de violência envolvendo partidas das ligas suburbanas no final da década de 1910 e na de 1920 não constitui uma exclusividade dos duelos que ocorreram nos arrabaldes, já que em outras competições, como a Metropolitana, também podemos encontrar cenário parecido.²⁸ Por isso, ainda que possam ter sido

²⁶ O IMPARCIAL, 30 nov. 1917, p. 8.

²⁷ A RUA, 22 nov. 1927, p. 4.

²⁸ PEREIRA. 2000.

um fator importante, ele está longe de ser determinante para a perda de força dos torneios nos anos seguintes, sobretudo a partir dos anos 1930.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro, ao longo da Primeira República (1889-1930) é um dos bons exemplos para analisar a complexidade deste importantíssimo período histórico, Nicolau Sevcenko (1987), ao escrever a orelha do livro *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, de José Murilo de Carvalho (1987), destacou que “todas as feições mais marcantes da sociedade brasileira contemporânea se definiram com nitidez cristalina nos primeiros decênios do período republicano”²⁹ e naqueles primeiros momentos a repressão e a exclusão oficial foram o tom do novo regime político. Assim, a maior parte da população se viu alijada das decisões políticas, o que permitiu a Jorge Ferreira e Lucila de Almeida Neves Delgado (2008) denominarem este período como “o tempo do liberalismo excludente”, o qual foi o subtítulo de um importante livro que organizaram sobre o tema.³⁰

Não obstante, como também advoga o próprio Carvalho:

No entanto, havia no Rio de Janeiro um vasto mundo de participação popular. Só que este mundo passava ao largo do mundo oficial da política. A cidade não era uma comunidade no sentido político, não havia o sentimento de pertencer a uma entidade coletiva. A participação que existia era fragmentada. Podia ser encontrada nas grandes festas populares, como as da Penha e da Glória, e no entrudo; concretizava-se em pequenas comunidades étnicas, locais ou mesmo habitacionais; um pouco mais tarde aparecia nas associações operárias anarquistas. [...] Um pouco depois, o futebol, esporte de elite, foi também apropriado pelos marginalizados e se transformou em esporte de massa.³¹

Temos, portanto, uma dupla situação a respeito das visões sobre a participação popular durante a Primeira República: “De uma afirmação inicial de apatia, de inexistência de povo, passa-se então para outra, que afirma a presença de

²⁹ CARVALHO. 1987, p. 1.

³⁰ FERREIRA; DELGADO. 2008.

³¹ CARVALHO. *Os bestializados*, p. 38.

elementos da população politicamente ativos"³² sendo o ludopédio uma das maneiras de perceber isso. Tal perspectiva vai ao encontro das reflexões de Sidney Chalhoub³³ na obra *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*.

Se com José Murilo de Carvalho fomos levados à reflexão acerca dos modos de organização e exercício da cidadania durante a Primeira República para além dos mecanismos oficiais por parte dos trabalhadores, pobres, ex-escravizados e analfabetos, com Sidney Chalhoub mergulhamos no cotidiano dos trabalhadores cariocas no mesmo período. Neste espaço, dentre outros aspectos, comprehende-se que existe uma verdadeira “política do cotidiano” que caracteriza a dinâmica de funcionamento desses microgrupos socioculturais, o que é influenciado por determinações históricas mais amplas, mas ressignificado no dia a dia e de acordo com cada situação.

O olhar para o cotidiano permite que possamos enxergar rompimentos à suposta exclusividade do exercício da cidadania aos homens brancos e letrados durante à Primeira República e uma dessas brechas, como demonstrado por Carvalho, estava no futebol. Ao nos debruçarmos sobre os subúrbios carioca e sua relação com este esporte, percebemos que existiram maneiras para os suburbanos negociarem com o novo regime político, do mesmo modo refletimos sobre a própria complexidade que compõe a formação social, econômica e cultural do suburbano, uma vez que existiam aqueles que se enquadravam como parte da elite carioca.

* * *

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Sec. Mun. Cultura: Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1990.

³² CARVALHO. *Os bestializados*, p. 43.

³³ CHALHOUB. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*, 2008.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **Fluminense Foot-ball Club**: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MATTOS, Lucas Nascimento de. **Um jogo de ocupação de espaços**: o Club de Regatas Vasco da Gama no caminho da urbanização e o papel do futebol na (re)produção do espaço urbano (1915-1942). Niterói: UFF (Dissertação), 2022.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Evidência e especulação: “A origem” do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, jul/set. de 2017.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Jhonatan Uewerton. A “Candidatura Sportiva” e outras aproximações entre esporte e política na Curitiba da Primeira República. **Vozes, Pretérito & Devir**, Dossiê: “História dos esportes”, v. 5, n. 1, 2016.

Fontes

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial.

A Razão.

A RUA.

Gazeta Suburbana.

Jornal do Brasil.

Jornal do Commercio.

O Imparcial.

O Paiz.

Revista da Semana.

* * *

Recebido em: 02 maio 2025.
Aprovado em: 18 nov. 2025.